

Entrevista / Interview

Entrevista com Sophie Moirand: Análise de discursos comparativa e relações com o Brasil e a América Latina

*Interview with Sophie Moirand: Comparative
Discourse Analysis and relations with Brazil and
South America*



Sophie Moirand 

Université Sorbonne Nouvelle, Université des cultures, França
Entrevistada

sophie.moirand@sorbonne-nouvelle.fr
<https://orcid.org/0000-0002-8651-3629>

Camila Ribeiro 

La Rochelle Université, França
Entrevistadora e Tradutora

cafernandaribeiro@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6947-4456>

Apresentação

Esta entrevista aconteceu em fevereiro de 2022 via videoconferência. O objetivo foi conhecer melhor o percurso acadêmico de Sophie Moirand, suas ligações com a América Latina e o desenvolvimento da Análise de Discursos Comparativa, abordagem da qual ela é uma das fundadoras. A linguista argumenta que a ótica comparativa pode ser considerada algo que se constrói metodologicamente de acordo com cada objeto de estudo, mais do que uma perspectiva

* Sophie Moirand é Doutora em Ciências da Linguagem. Ela é, atualmente, professora emérita da Universidade Sorbonne Nouvelle, Université des cultures, onde criou o *Centre de recherche sur les discours ordinaires et spécialisés*, assim como a revista *Les Carnets du Cediscor*, da editora Presses Sorbonne Nouvelle. Autora de artigos e de comunicações publicadas na França e no exterior, trabalhou com discursos sobre a transmissão do conhecimento e a difusão da ciência, análise semântica do discurso, discursos midiáticos, entre outros. Esses trabalhos são acompanhados de uma reflexão sobre as noções de dialogismo, explicação, memória, nominação, reformulação e representação. Trabalha, atualmente, com as maneiras de se dizer e de se contar a atualidade na mídia, em particular, em momentos de crises sanitárias e sociais.

** Recebido em: 06/06/2022 | Aprovado em: 29/06/2022

cujas teorias e possibilidades já estão completamente fixadas. Com bom humor e extrema generosidade no compartilhamento de seus conhecimentos e experiências, ela transforma a entrevista em uma verdadeira conversa, em uma troca rica e interessante que começa antes mesmo de as perguntas serem feitas. Descobrimos, assim, logo no início, que seu percurso acadêmico começa na área do Francês Língua Estrangeira (FLE), que foi o responsável por seus primeiros contatos com a América Latina, além de ser o motor propulsor que levará a pesquisadora ao encontro da Análise do Discurso. Veremos, assim, o quanto seu percurso acadêmico entrelaça-se com suas jovens experiências profissionais, como o interesse precoce pelo discurso jornalístico/midiático em Argel, na Argélia. Observaremos também que a construção de um percurso acadêmico não era mais fácil no passado do que hoje.

Camila Ribeiro:

Eu não sabia que a senhora vinha do Francês Língua Estrangeira (FLE).

Sophie Moirand:

Sim, muita gente não sabe. As pessoas esqueceram. Na verdade, as que me conheceram antes que sabem. Meu contato com o Brasil e com a América Latina se dá primeiramente por meio dos muitos estágios e formações para professores de línguas que havia na América Latina.

Camila Ribeiro:

Os primeiros contatos com a América Latina não se dão, então, graças à Análise do Discurso (AD)?

Sophie Moirand:

Não, não foi no âmbito da AD, especificamente. Porém eu sempre tentei trabalhar em FLE as noções de situação, de ensino, de comunicação, etc. Foi isso que me conduziu à Análise do Discurso.

Camila Ribeiro:

A senhora poderia, desse modo, falar um pouco de sua formação?

Sophie Moirand:

Eu comecei meus estudos no ensino superior em 1961 – então, faz tempo! – e não havia muitas Licenciaturas em Ciências Humanas e Sociais na época, com exceção da Sociologia e da Psicologia. Eu fiz um primeiro ano na Faculdade de Letras, em Argel – então, eu ainda¹ estava na França. No meio do ano, haviam me informado que uma pessoa viria nos dar aula de Sociologia. Essa aula me interessava, pois a professora era uma mulher, a única mulher professora ali na época, e eu assisti a essa aula, mesmo que ela não contasse para a nota final. Era uma professora que trabalhava com Etnologia e que havia trabalhado nas regiões francesas onde havia pessoas que ainda lançavam feitiços, era muito interessante. Eu assistia a essas aulas, e pouco tempo depois, houve um *putsch* dos coronéis na Argélia e tudo parou bruscamente. Dessa forma, eu voltei à França. O jornalismo já me interessava, o que era normal nesse contexto. Eu era viciada nas informações sobre a Argélia, era fundamental acompanhar, pois o que estava acontecendo era complicado e grave. Eu queria trabalhar e, eventualmente, tornar-me jornalista; fui, assim, encontrar meu irmão que estava fazendo seu serviço militar na Marinha, em Cherbourg, onde encontrei, durante as férias, a possibilidade de trabalhar para o jornal local, *La Presse de la Manche*, que me pagava por linha escrita durante o verão. Na época, não havia muitos estagiários, havia poucas pessoas fazendo jornalismo e não havia ainda muitas escolas de jornalismo ou formações. Em setembro², eu não queria mais voltar a Argel, já que era meu último ano e eu sabia que seria complicado, assim, decidi ficar na França. Matriculei-me na Universidade de Caen, em Psicologia. No primeiro ano, fiz Psicologia Geral e, no segundo, Psicologia Infantil e Psicologia Social. Em Psicologia Social, na época, tratava-se bastante das mídias, o que me interessava. Nessa altura, a formação em Comunicação também não existia, foi criada bem mais tarde na França. Como eu trabalhava como jornalista ao mesmo tempo, tentava misturar esse viés midiático da Psicologia com minha profissão. Fiz, então, reportagens sobre a condição das mulheres nas fazendas da Normandia³, por exemplo, o que me servia de trabalho extra. Fiz também um estágio em uma usina de metalurgia para trabalhar com o tema dos lazeres dos operários. Como em Caen não havia um diploma em Ciências, eu fui para Marseille (também porque precisava rever o sol [risos]). Um dia, passando no subsolo da Faculdade de Ciências de Marseille, vi que havia um estágio de um ano que podíamos fazer. Era a primeira vez que davam uma bolsa para estudarmos na *École Normale Supérieure de Saint-Cloud*⁴, em Paris. Era um estágio de *Educador Especialista em Técnicas Audiovisuais*. Como eu e meu namorado da época queríamos ir para o exterior, onde havia

¹ A Universidade de Argel situa-se na Argélia, país que se tornou independente da França em 1962.

² O ano letivo começa em setembro no hemisfério Norte.

³ Região francesa situada ao norte do país.

⁴ Na França, o ensino superior conta com Universidades e com Escolas. Há algumas diferenças entre elas, mas que vêm se atenuando ultimamente. A *École Normale Supérieure* é uma Escola que visa a formação de professores.

uma Licenciatura em Inglês, decidimos pedir esse estágio, pois, na época, as técnicas audiovisuais (começava-se a falar de televisão escolar, etc) eram um pouco como a informática hoje em dia: estavam crescendo muito, era uma novidade ensinar com essas técnicas. Foi, desse modo, essa conjuntura que determinou a primeira parte de meu percurso universitário.

Camila Ribeiro:

O objetivo era, então, fazer esse estágio para ir para o exterior?

Sophie Moirand:

Durante esse estágio de um ano (de Especialista em Técnicas Audiovisuais), aprendíamos também a revelar fotografias, fazer filmes, usar e administrar as televisões escolares, etc. Havia também um estágio integrado em janeiro, proposto pelo CREDIF⁵ (na ENS de Saint-Cloud⁶), que ensinava métodos de francês para estrangeiros. Depois desse estágio, algumas vagas eram propostas: para os titulares, vagas para ensinar em Saint-Cloud e, para os não titulares, vagas para ir para o exterior. Como eu não era titular e não tinha prestado nenhum concurso, propuseram-me ajudar os professores das escolas primárias na Escócia, onde o francês começava a ser ensinado. Também me propuseram ir à China, mas não foi possível, pois, logo em seguida, aconteceu a Revolução Cultural Chinesa⁷, e também houve a proposta de ensinar nos campos palestinos, no Líbano, mas eu não podia, pois era menor (na época, a maioria começava aos 21 anos).

Camila Ribeiro:

Entendi. E como chegou à AD, mais precisamente? O que a atraiu particularmente nessa perspectiva?

Sophie Moirand:

Em seguida, matriculei-me no Mestrado de Psicologia, em Aix en Provence. Ali, eu comecei a trabalhar com a revista *Salut, les copains*, uma revista sobre os cantores de iê-

⁵ *Centre de Recherche et Diffusion du Français* (Centro de Pesquisa e Difusão do Francês). O CREDIF organizava estágios durante o verão europeu, em julho, mas também em janeiro para as pessoas que estavam no outro hemisfério (estrangeiros ou franceses que queriam ensinar no exterior).

⁶ Havia na ENS o centro audiovisual e também o CREDIF.

⁷ Movimento sociopolítico que durou de 1966 a 1976. Foi lançado por Mao Tsé-Tung, líder no Partido Comunista da China na época. Seu objetivo era preservar o comunismo e abolir influências capitalistas no país.

iê-iê da época. Eu queria analisar essa revista, mas, ao mesmo tempo, tinha que trabalhar, pois eu tinha apenas um trabalho extra em um supermercado, aos sábados e nos fins de semana. Como não era suficiente, acabei aceitando uma proposta para ir a Antibes, para trabalhar no *Office franco-allemand pour la Jeunesse*⁸, onde eu dava aulas de francês durante 6 horas por dia para iniciantes, usando o método audiovisual. Havia um laboratório de línguas, mas nada para colocar dentro, então, eu elaborava exercícios estruturais para o laboratório. Eu aprendi muita coisa ali. Um dia, nos perguntaram se nos interessava ir ao *Centre de Linguistique Appliquée* de Besançon, porque estavam procurando pessoas para fazer um método de francês e havia uma formação. Eu fui. Chegando lá, pediram-me para pensar em um método que ia além do nível iniciante, pois o Centro recebia muita gente de diferentes países, muitos latino-americanos, aliás, e refugiados. É por isso também que eu conheci a América Latina.

Você vê que eu perambulei bastante nas universidades francesas [risos]. Acabei me matriculando em Linguística Geral em Besançon, porque achava que precisava de uma formação linguística. Eu estava muito insatisfeita com a análise de conteúdo que se fazia em Psicologia na época. Achava muito subjetivo, que me faltavam ferramentas. Eu já havia descoberto a Linguística no estágio de Saint-Cloud, havia tido aulas de Linguística e de Semiologia e queria continuar. Em Besançon, eu obtive uma bolsa e fiquei feliz de poder parar de dar aula um pouco. Concluí essa Licenciatura em muito boas condições, sem trabalhar 20h ou 30h por semana, como antes.

Nesse percurso, eu ainda não havia tido contato com a Linguística Discursiva. Eram aulas de Linguística Francesa, Semiologia com Peytard⁹, de Análise Literária do Discurso, com ferramentas linguísticas. Era mais uma Linguística voltada para o processamento automático de línguas, técnicas de enquete e de descrição linguística. Isso me deu muitas ferramentas. Ao mesmo tempo, eu havia feito um Mestrado em Lexicologia, com Quemada¹⁰, para completar minha Licenciatura em Linguística. Ali, eu analisava as publicidades nos jornais femininos. Eu quase me voltei para a análise de publicidades, me interessava muito.

Veio 1968 e decidi que queria ir a Paris. Desde que eu estava na França, sonhava em ir a Paris. Comecei trabalhando no hospital *La Salpêtrière*¹¹, em Psicolinguística. Soube da

⁸ O Office franco-allemand pour la Jeunesse (OFAJ) é uma organização internacional a serviço da cooperação franco-alemã criado em 1963. Sua missão é encorajar as relações entre os jovens dos dois países, reforçar a compreensão e fazer evoluir as representações do país vizinho.

⁹ Jean Peytard, linguista e semiótico do discurso foi também o orientador da tese de Sophie Moirand.

¹⁰ Bernard Quemada, reconhecido como o introdutor da Lexicologia e da Lexicografia nas universidades francesas.

¹¹ Hospital de Paris muito conhecido por diversas razões. Disponível em: <https://pitie-salpetriere.aphp.fr/hopital-universitaire-pitie-salpetriere/> Acesso em: 06 jul. 2022.

existência de Vincennes¹², onde um especialista em semiótica havia sido nomeado como responsável pelo departamento de FLE. Como ele não conhecia essa área, procurava alguém para montar o departamento com ele. Fui, então, a Vincennes, para falar com Jean-Claude Coquet¹³, e o montamos juntos. Ali, nós preparávamos os estudantes para o diploma do CREDIF, onde eu já havia trabalhado. Recomecei a trabalhar no CREDIF, a fazer pesquisas sobre o discurso indireto. Em seguida, obtive uma vaga de assistente em Vincennes, uma vaga não titular [risos]. Minhas primeiras viagens à América Latina aconteceram nesse ano, por volta de 1971. Ninguém queria fazer estágio em Caracas, e eles precisavam de alguém para formar os professores de francês. Assim, eu fui. Interessava-me muito ir à América Latina, pois eu tinha conhecido muita gente em Besançon. Na minha primeira missão, fui recebida pelo conselheiro cultural, que olhou minha folha de missão e achou muito estranha a menção “assistente não titular” [risos]. Essa história de não ser titular foi o que me levou a fazer uma tese. Ou eu passava em um concurso oficial, como o CAPES¹⁴ ou a Agrégation¹⁵, mas eu não queria muito, ou fazia uma tese. Decidi fazer a tese. E aí, foi um outro percurso. Tive dificuldades para que alguém aceitasse meu tema em Vincennes, pois eu não havia feito meus estudos lá. Então, voltei a Besançon para fazê-la com Peytard. Foi essa minha primeira¹⁶ tese, que me permitiu ter o título de Doutora e também lecionar na Paris 3¹⁷.

Camila Ribeiro:

Conte mais sobre Vincennes, como foi essa experiência?

¹² O *Centre universitaire expérimental de Vincennes* foi criado em 1968, após as manifestações de maio desse mesmo ano na França. O centro foi inteiramente destruído quando Jacques Chirac tornou-se prefeito de Paris, em 1980. Tinha a ambição de ser um centro de inovação, caracterizado pela sua abertura ao mundo contemporâneo, o que implicou a sua abertura ao ensino de disciplinas até então ministradas na universidade a trabalhadores sem licenciatura. Havia numerosas aulas noturnas, uma pedagogia baseada em pequenos grupos, ampla liberdade de escolha oferecida aos alunos para definirem seu curso. Após a demolição em Vincennes, o centro foi deslocado para Saint-Denis e tornou-se o que conhecemos hoje como Université Paris 8.

¹³ Linguista e semioticista francês, especialista em Semântica Literária e Análise do Discurso.

¹⁴ Na França, para se lecionar no ensino fundamental e médio, é preciso obter o concurso do CAPES: Certificat d’Aptitude au Professorat de l’Enseignement du Second Degré.

¹⁵ A Agrégation é também um concurso que se passa, com um nível de dificuldade mais elevado que o CAPES, quando se quer lecionar no ensino médio.

¹⁶ Até 1984, havia dois tipos de Doutorado na França, o de terceiro ciclo e o de Estado. Desde então, subsiste apenas o segundo, que equivale ao Doutorado que conhecemos hoje em dia.

¹⁷ “Paris 3” é a antiga designação de “Université Sorbonne Nouvelle, Université des cultures”. Optamos por deixar a referência Paris 3 ao longo do texto pois trata-se de uma mudança recente.

LINHA D'ÁGUA

Sophie Moirand:

O que era fácil em Vincennes é que eu pude aplicar muito rapidamente o que eu havia aprendido no estágio de técnicas audiovisuais, pois Vincennes era muito bem equipado. Não durou muito tempo, porque acabou rápido (Vincennes), mas todas as salas eram equipadas com um televisor e eram perfeitas para o ensino de línguas. Outra coisa é que passávamos o dia lá e podíamos ir assistir às aulas que a gente queria, e eu pude, então, assistir as aulas de Ducrot¹⁸, por exemplo. Assisti também às aulas de gramática gerativa, já que na minha tese havia uma parte gerativa sobre as nominalizações verbo-afixais. Fazia aulas de filosofia também. Eu passava o dia lá. As aulas que eu ministrava eram à noite, entre as 19h e as 22h, assim, de dia eu podia participar do que acontecia lá e assistir às aulas que queria.

Ao mesmo tempo, fazia minha tese, sobretudo, durante o verão. Em Vincennes, eu tinha pouca esperança de ter um cargo oficial de professora, pois ainda era muito jovem e as regras de Vincennes, o sistema de Vincennes era que os mais velhos passavam frequentemente na frente dos outros. Eu sabia, dessa forma, que eu não ficaria lá, me candidatei, assim, a uma vaga na Paris 3 - Sorbonne Nouvelle.

Camila Ribeiro:

Então a AD é, na verdade, o objeto de sua tese em Besançon?

Sophie Moirand:

Não, a AD começou quando eu comecei a análise da revista *Salut, les copains*. O que era “estranho” na minha tese é que eu queria, de fato, trabalhar com a gramática gerativa, mas queria também trabalhar com um *corpus* jornalístico. Então, trabalhei com o funcionamento das nominalizações verbo-afixais no jornal *Le Monde*. Era a última parte da tese, eu investigava o papel dessas nominalizações na textualidade, na ordem do texto, na maneira como o texto progredia: o papel da nominalização no discurso, de uma certa maneira. Era mais textual do que discursivo. Eu cheguei ao discurso por meio dos problemas textuais, na verdade.

Paralelamente, como eu ensinava ainda o FLE, continuava a trabalhar com a leitura. Elaborei com Denis Lehmann e com Robert Catalan um material de leitura¹⁹ com um viés discursivo para economistas estrangeiros. Não foi muito vendido, mas foi o que me permitiu fazer estágios.

¹⁸ Oswald Ducrot, linguista especialista em enunciação e em argumentação.

¹⁹ CATALAN, R.; MOIRAND, S.; LEHMANN, D.; MARIET, F. *Lire en français les sciences économiques et sociales: matériel d'accès à la compréhension de l'écrit pour spécialistes non francophones*. Paris: Didier, 1979, p. 230.

Na América Latina, havia uma abordagem que se chamava Francês Funcional e que era frequente nas universidades. As pessoas faziam aulas especializadas em certas áreas para ler textos dessas especialidades em língua estrangeira, sem falar necessariamente a língua. Fui ao México em 1972, 1975 e 1978 para estágios e colóquios sobre o ensino funcional do francês. Era o que interessava as pessoas. Era uma época em que muitos países da América Latina eram ainda uma ditadura, assim, a leitura era importante, pois se podia ter contato com jornais estrangeiros. Na época, havia uma grande ajuda dedicada à América Latina, muita gente obtinha bolsas de estudo para vir à França fazer estágios no CREDIF, no *Centre International d'Études Pédagogiques de Sèvres*, havia muitos professores da AL. Havia também missões que dependiam da embaixada da França, conselheiros culturais, encarregados de pedagogia. Tudo isso desapareceu depois. As viagens eram financiadas, em geral, pelo *Ministère des Affaires Etrangères*²⁰.

Foi nesse contexto que me interessei pela AD. Eu encontrava sempre fenômenos discursivos trabalhando com a leitura, com textos. Inspirava-me muito nesse momento dos trabalhos anglo-saxões nessa área. Eu até pedi a Marie Paule Péry-Woodley²¹ para fazer um livro sobre a escrita no aprendizado, já que ela trabalhava bastante com o aspecto discursivo dos textos no aprendizado de uma língua estrangeira. Então, eu não comecei pela AD francesa. Trabalhei com diálogos primeiramente — conhecia mais os trabalhos sobre interação no início, sobre como ensinar a comunicar em língua estrangeira. Em seguida, vieram os trabalhos sobre a textualidade, e assim, veio o discurso. Na Paris 3, mesmo sendo responsável pelo FLE, eu incitava os professores a usarem documentos autênticos nas aulas, a não usarem somente métodos audiovisuais, a utilizarem textos jornalísticos, publicidades. Foi, assim, que cheguei à Análise do Discurso.

Camila Ribeiro:

Vemos bem a ligação entre AD e FLE aqui.

Sophie Moirand:

Sim, fica muito clara essa ligação nas minhas primeiras publicações. Na Paris 3, eu havia sido contratada para isso, eu não podia, simplesmente, abandonar o FLE. O FLE me ensinou muita coisa, [como] analisar diferentes aspectos do funcionamento da linguagem e me mostrou também que a linguagem funciona, finalmente, como discurso. Falava-se de situação (de comunicação), da relação com o exterior, com o contexto da situação.

²⁰ Equivalente ao Ministério das Relações Exteriores no Brasil.

²¹ Linguista especialista em semântica do discurso.

Camila Ribeiro:

É muito interessante, vemos realmente o caminho que levou à AD, tal qual você a pratica hoje em dia.

Sophie Moirand:

Sim. Outra coisa que eu fazia era anotar pequenas situações que via ou escutava na rua ou quando estava no ônibus. Eu anotava tudo isso para usar nos meus livros, para mostrar o que eram as interações na rua. Eu dizia que fazia voyeurismo auditivo [risos] no metrô, no café, no restaurante, no ônibus. E para dar exemplos nas minhas aulas. Nas minhas aulas, eu rapidamente introduzi aspectos sobre o texto, em seguida, sobre a análise de textos, de interações, de discursos. No início, quando eu comecei minha tese sobre o discurso da revista *Le français dans le monde*²², eu queria trabalhar com a história do FLE. Mas como havia um *corpus* de 20 anos dessa revista, eu me dei conta de que o que era curioso era o fato de ser uma revista veiculada e apoiada pelo *Ministère des Affaires Étrangères*. Havia tido, aliás, um caso de censura pelo Ministério de um artigo dessa revista. Então, eu vi que o interessante não era, simplesmente, analisar a história do FLE, mas a da revista também, da exterioridade do conteúdo veiculado, e isso não me parecia possível sem uma aparelhagem sólida, como a da Análise do Discurso.

Se no início era uma AD no sentido inglês do termo, com Sinclair e Coulthard²³, aos poucos, fui encontrando pessoas como Jean-Michel Adam, Michel Charolles e André Petitjean, que trabalhavam com o texto. Fizemos, desse modo, um pequeno grupo que trabalhava com o texto e com o discurso, e foi ali que comecei a reler os grandes clássicos da AD francesa. Nós co-organizávamos os seminários doutorais de Peytard e convidávamos pessoas que faziam parte dessa história da AD francesa. Conhecemos, assim, Slakta²⁴. Nessa época, eu comecei a ir mais a colóquios de AD e a não fazer mais estágios de formação. Passei a encontrar pessoas como Foucault, que até então eu tinha lido rapidamente. Comecei a reler em detalhes e mudei completamente... Porque tinha a impressão de não estar mais somente na Linguística, no sentido da língua, mas em Ciências Humanas. Isso porque minha formação era baseada na descrição estrutural, funcionalista, em Martinet, etc. Então, esses contatos me abriram para esse outro lado da formação linguística. Jean-Claude Coquet, que era semiótico, me disse: vou levar você aos seminários do Greimas. A vantagem de Paris era essa, assistir às aulas de quem nós queríamos.

²² Revista da Federação Internacional de Professores de Francês, editada pela Editora CLE International. Criada em 1961, a revista apresenta a atualidade pedagógica e cultural do francês e da francofonia.

²³ John Sinclair e Malcolm Coulthard, autores de *Towards an Analysis of Discourse: The English Used by Teachers and Pupils*. London: Oxford University Press, 1975.

²⁴ Denis Slakta, linguista.

Camila Ribeiro:

E a Análise de Discursos Comparativa²⁵?

Sophie Moirand:

Eu penso que quando se trabalha em Ciências Humanas, passamos nosso tempo fazendo comparações. Quero dizer que quando estamos em Análise do Discurso, nós comparamos sempre alguma coisa. Pode ser uma comparação no interior de uma mesma língua, entre dois jornais, etc. Penso que a comparação faz parte das Ciências Humanas. É um pouco o que eu escrevo na introdução da última publicação da ADAL²⁶:

Na base dos diversos trabalhos sobre os discursos políticos, "a comparação" é quase ausente dos dicionários de análise do discurso ou de ciências humanas, assim como as questões de método que se colocam quando comparamos discursos de homens ou mulheres políticas, as situações e os contextos nos quais os discursos são escritos e/ou pronunciados, as memórias coletivas e os imaginários que elas convocam [...] A comparação, que aparece como uma "evidência" do discurso científico, poderia ser mais "discutida" em ciências humanas (2021, p. 24)²⁷.

Falo, aqui, de dois artigos que abordam a comparação entre duas línguas, duas culturas, ou dois pontos de vista. Nesse colóquio da ADAL, o que me surpreendeu foi ver que a comparação estava, justamente, muito presente, ao mesmo tempo que é algo que não é muito teorizado. Eu orientei muitos estudantes estrangeiros — mas que se expressam perfeitamente em francês —, então, muitos queriam trabalhar com temas comparativos, e eu sempre aceitei, porque acho interessante, apesar de demandar um trabalho mais árduo. É difícil achar o *tertium comparationis*, o que vamos comparar exatamente, etc. Isso demanda um trabalho suplementar, é por isso que digo que advém do cognitivo, pois passamos nossa vida comparando. Quando vemos um filme, comparamos. O que quero dizer é que comparar faz parte, ao meu ver, das ferramentas cognitivas que possuímos.

²⁵ Na França, a corrente é conhecida como Análise do Discurso Contrastiva [*Analyse du Discours Contrastive*], mas optei, aqui, pela denominação pela qual ela é conhecida no Brasil.

²⁶ *Analyse des discours de l'Amérique latine* (ADAL) é uma associação fundada em 2009 por um grupo de jovens pesquisadores para constituir uma rede de trocas sobre os países latino-americanos e sobre os discursos que dali emanam. A ADAL tem como principal missão o desenvolvimento, a mutualização e a difusão das pesquisas sobre os discursos da América Latina na França. Durante seus 10 anos de existência, a associação organizou três Jornadas de Estudo (2009, 2020, 2013), por volta de quarenta seminários e três colóquios internacionais (2014, 2017, 2019), consagrados ao estudo dos discursos políticos e midiáticos da América Latina, os quais deram origem a diversas publicações. Sophie Moirand participa ativamente da vida da associação.

²⁷ HERNÁNDEZ BAYTER, H.; MOREIRA CESAR, C.; NACUCCHIO, A. (Éds.). *Discours politiques et médiatiques en Amérique latine*. Retour(s) sur les deux premières décennies du XXI^e siècle. Paris: L'Harmattan, 2021.

Camila Ribeiro:

Isso explica, talvez, sua citação²⁸ segundo a qual “inscrever-se em uma perspectiva de Linguística de Discurso Comparativa supõe que tenhamos hipóteses e convicções fortes”?

Sophie Moirand:

Sim, é isso. Eu penso que comparamos com algo que conhecemos. E, de fato, comparamos as coisas sem parar. A comparação faz, sem dúvida, parte do pensamento. Acredito, aliás, que comparamos frequentemente em nosso discurso interior. Quer dizer que não comparamos sempre em voz alta, mas o discurso interior, no sentido de Bakhtin, é amplamente fundado na comparação. O dialogismo de Bakhtin é também dessa ordem, quando ele fala da leitura: o leitor, no fundo, dialoga um pouco com o texto que ele lê. O discurso interior conversa com o que é lido, há uma espécie de diálogo interior. O discurso comparativo repousa um pouco em cima disso também.

Então, comparamos discursos ou campanhas políticas, o antes e o depois, períodos históricos. Penso que mesmo sem ser uma noção, existe algo aí. No colóquio que aconteceu em 2017, em São Paulo, na USP, *Discurso e comparação: aspectos teóricos e metodológicos*²⁹, vemos bem isso. Eu não trabalhei, exatamente, com a comparação de línguas, mas orientei muitos estudantes³⁰ que o fizeram. Eu acho que quando conhecemos muitas línguas, é uma riqueza poder compará-las, mas sei que não é fácil, porque tem que se achar um meio para compará-las. Mas é uma riqueza complementar e, quando eu orientava esses estudantes, eu era obrigada a aprender um pouco a língua e comparar também, para poder guiar um pouco a tese deles, dar algumas chaves para irem mais longe. Assim, me dei conta de que era verdadeiramente importante essa noção de comparação. Eu realmente não encontro muitas teorias sobre isso, mesmo nos dicionários de Ciências Humanas. É como se fosse algo evidente, quando sabemos que não é.

Camila Ribeiro:

Como encontrar um ponto de comparação?

²⁸ A citação vem do seguinte artigo: MOIRAND, S. Des choix méthodologiques pour une linguistique de discours comparative. *Langages*, 26^e année, n°105, p. 28-41, 1992.

²⁹ I Colóquio Brasileiro-Franco-Russo em Análise de Discursos e Comparação: questões teóricas, metodológicas e empíricas (7, 8 e 9 de novembro de 2017).

³⁰ Podemos citar, aqui, Patricia von Münchow, que trabalhou com o alemão, inglês e francês e escreveu muito sobre o *tertium comparationis*; Chantal Claudel, cujos trabalhos compararam discursos japoneses e franceses; Michele Pordeus Ribeiro, que comparou os discursos sobre as campanhas eleitorais brasileiras e francesas na mídia, mais especificamente, a de Lula e a de Sarkozy; e Daniela Sardá, que comparou os discursos de livros didáticos de filosofia franceses e brasileiros.

Sophie Moirand:

Eu aprendi muita coisa com Marie Paule Péry-Woodley. Ela escreveu um livro – que não teve, aliás, nenhum sucesso, sem dúvida, porque as pessoas não viam interesse em escritos sobre a aprendizagem na época –, chamado *Les écrits dans l'apprentissage: Clés pour analyser les productions des apprenants*³¹. Em seu livro, ela conta que, em 1966, Kaplan³² escreveu, por sua vez, um livro, muito criticado, que tratava do nível de organização de um texto, da retórica de um texto. Ele examinou a transferência dos esquemas de organização retórica de uma língua 1 em uma língua 2. O problema é que ele colocou o inglês como língua 1, como a matriz de comparação para várias outras línguas, como as línguas semíticas, orientais, romanas, o russo. Ele queria mostrar que essas línguas não tinham exatamente os mesmos esquemas de organização do texto no nível retórico, o que não é totalmente falso. Mas ele sustentou isso dizendo que o inglês tinha uma retórica que ia “em linha reta” e que eram, então, as outras línguas que não eram lineares. Foi por isso que foi muito criticado. Mas fora dessa hierarquia que ele coloca, a ideia não é ruim. Muitos estudantes que tive de origem estrangeira tinham, no início, dificuldade para aprender a retórica francesa. Mesmo dentro das línguas românicas não se tem a mesma retórica. Enfim, voltando para Marie Paule Péry-Woodley, que é francesa, mas ensinava na Inglaterra, ela tinha tentado mostrar em seu livro que efetivamente há uma organização argumentativa diferente entre as línguas. Em francês, a argumentação baseia-se na cultura greco-latina. Mas, por exemplo, quando recebo estudantes chineses, existe uma outra representação da argumentação. Aqui, há, então, uma questão que é ao mesmo tempo de texto, mas de discurso também, de organização do discurso. Há um esquema diferente. A argumentação em língua estrangeira poderia ser um ponto de comparação, acredito. Nesse caso, a Análise do Discurso serve para observar e compreender o que acontece nas línguas e nas culturas diferentes, para, em seguida, se poder compará-las e analisá-las. É um duplo trabalho.

Camila Ribeiro:

Isso me faz pensar na perspectiva etnocognitiva do discurso para os estudos comparativos.

Sophie Moirand:

É um pouco isso, talvez, porém não sei se o termo “etnocognitivo” convém. Há, certamente, uma primeira fase de observação das duas línguas, de se observar o que é diferente. Quando falo que acho que há algo da esfera da etnologia cognitiva, quero dizer que estamos habituados em nossa língua materna a uma certa forma de discurso e quando

³¹ Publicado em 1993, pela editora Hachette, na coleção Hachette-FLE.

³² Robert Kaplan, linguista. O texto em questão é KAPLAN, R. Cultural Thought Patterns in Inter-cultural Education. *Language Learning*, v. 16, p. 1-20, 1966. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-1770.1966.tb00804.x>

aprendemos uma língua estrangeira, não ao mesmo tempo, mas mais tarde, é porque temos capacidades de passar de uma representação do discurso que temos em uma língua a uma outra representação em outra língua. Eu não ousou me aventurar, porque não falo bem outras línguas para fazê-lo, mas acredito que há um certo número de pesquisas a serem feitas. E é esse o interesse do comparatismo. Claro que as diferenças não se dão, simplesmente, por causa da língua, mas também por causa da história e da relação entre a língua e o que lhe é exterior. Nesse sentido, acho que podemos trabalhar com pequenos *corpus*, que podem servir, no início, para compreender o funcionamento diferente de duas línguas que correspondem a duas culturas. Assim, uma semântica do discurso³³ é necessária para esses casos de comparação.

Camila Ribeiro:

São essas ideias que estão na base da fundação do Cediscor³⁴?

Sophie Moirand:

Sim, acho que tem um pouco disso também. O primeiro número do Cediscor veio da ideia de abordar um evento e de ver como esse evento era contado por diferentes jornais. Então, é também uma comparação. Não é o mesmo tipo de comparação, mas é uma forma. Como eu disse, a gente compara sempre. Por trás da AD, há sempre perspectivas comparatistas.

Camila Ribeiro:

E na sua opinião, qual é a maior dificuldade para os estudos comparativos?

Sophie Moirand:

O tertium comparationis. Qual o denominador comum da comparação? Pode-se comparar para destacar as diferenças, mas, ao mesmo tempo, é preciso ter algo que seja parecido. Temos um mesmo objeto e vemos como ele é tratado de maneiras diferentes, por exemplo.

³³ A autora cita, aqui, um de seus artigos: MOIRAND, S. Une sémantique du discours « au travail » de l'actualité: éléments pour l'analyse du discours des médias. *Revista Heterotópica*, v. 1, n. 1, p. 108–138, 2019. DOI: <http://doi.org/10.14393/HTP-v1n1-2019-48518>.

³⁴ *Centre de recherche sur les discours ordinaires et spécialisés*, fundado por Sophie Moirand em 1989.

Camila Ribeiro:

É aquela velha pergunta, descrevemos ou descrevemos e interpretamos?

Sophie Moirand:

Podemos ter opiniões diferentes sobre um mesmo objeto e diferentes maneiras de vê-lo. É o que fazemos quando comparamos posições políticas com relação a um objeto comum. É por isso que essa questão vai além das Ciências da Linguagem. Eu realmente não sei se é possível trabalhar em discurso sem que haja de maneira subjacente questões de comparação. A comparação pode ser linguística, mas não somente, ela pode também ser de ordem social. Por exemplo, no grupo de estudos que fazemos, com o *Institut de Physique du Globe de Paris*³⁵ (IPGP), sobre um vulcão submarino em Mayotte, tentamos, primeiramente, comparar o que era tratado nos jornais locais e nos jornais nacionais (Mayotte é uma ilha francesa). Em seguida, no jornal de Mayotte e nos jornais regionais (como os da Ilha da Reunião ou de Madagascar). Foi, assim, que percebemos que a história do vulcão de Mayotte era muito pouco abordada nos jornais nacionais. No *Le Monde*, por exemplo, havia muito poucos artigos, enquanto que no jornal de Mayotte havia todos os dias. Então, a distância geográfica fazia com que existisse esse fenômeno. Ao mesmo tempo, o assunto não era tratado da mesma maneira. Durante um ano, a população de Mayotte viveu esses terremotos sem saber o que eram, de onde vinham; levaram um ano para descobrir que eram terremotos. Assim, necessariamente, a maneira de relatar dos jornalistas que viviam isso e a dos que estavam longe era diferente. Então, há sempre essa questão da comparação que é subjacente.

Camila Ribeiro:

Isso nos leva a uma outra questão, a de estabelecer um diálogo entre a AD Comparativa e outras correntes teóricas, como a abordagem dialógica, por exemplo.

Sophie Moirand:

Primeiramente, a comparação seria para mim, mais uma metodologia do que uma noção. Parece-me mais apropriado falar de metodologia do que de abordagem comparativa.

Então, penso que comparação e dialogismo estão em dois níveis diferentes. Diferentes, mas não contraditórios. Seria necessário redefinir a abordagem dialógica hoje em dia,

³⁵ O IPGP conduz pesquisas em todos os campos de estudo sobre a Terra sólida (Geofísica, Geoquímica, Geologia quantitativa). Suas missões são criar e transmitir conhecimentos no campo da Geociência e observar os fenômenos naturais.

pois acho que, aqui, também é um pouco complexo falar de abordagem. Existem duas coisas diferentes: o princípio dialógico e a abordagem dialógica. Há um livro que saiu há pouco tempo no Brasil no qual um dos meus artigos foi traduzido: *O dialogismo*: da recepção de um conceito a sua apropriação em Análise do Discurso³⁶, que foi publicado originalmente em *Cahiers de praxématique*³⁷. Falo de dialogismo, da recepção desse conceito e de como nos apropriamos dele em AD. O problema com a noção de dialogismo é que ela foi um pouco banalizada; tem gente que a usa, simplesmente, como o equivalente da noção de diálogo. É difícil quando se banaliza sem se referir às origens. Além do mais, se referir a Bakhtin, hoje, é se referir a interpretações. Eu acompanho de perto o trabalho de Sheila Grillo³⁸, porque ela trabalhou verdadeiramente, ela até aprendeu russo, fez estágios, etc. Ela faz uma abordagem bem sólida de Bakhtin.

Camila Ribeiro:

Muito interessante pensar na perspectiva comparativa mais como metodologia do que como noção. Trata-se, realmente, de elaborar um quadro metodológico, não de aplicar algo que já vem pronto...

Sophie Moirand:

Sim, e mesmo que nos inspiremos do princípio de Bakhtin hoje, que leiamos todas as traduções, de todo jeito, aplicamos de outra maneira, é uma outra época, um outro paradigma. Bakhtin nunca trabalhou com a mídia, por exemplo. Então, a literatura é ainda uma outra questão.

Camila Ribeiro:

Uma questão que me veio agora: sua noção de momento discursivo pode ser utilizada como um *tertium comparationis*?

³⁶ MOIRAND, S. O dialogismo: da recepção do conceito a sua apropriação na análise do discurso. In: *Conversas bakhtinianas*: diálogos sobre discurso. CHAVES, A. S.; PINTO, M. L.; SILUS, A. (Dirs.). São Carlos: Pedro&João Editores, 2021, p. 87-124.

³⁷ MOIRAND, S. Le dialogisme: de la réception du concept à son appropriation en analyse du discours. *Cahiers de praxématique*, n. 57 (De l'histoire du concept à ses applications), p. 69-100, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/praxematique.1757>.

³⁸ Sheila Grillo é professora da Universidade de São Paulo, estudiosa da obra do Círculo de Bakhtin.

Sophie Moirand:

Sim, claro, claro. Porque podemos pegar um instante discursivo e comparar o que acontece nele. Podemos trabalhar com um momento discursivo da atualidade ou com um momento discursivo que é um momento histórico. Mobilizei muito essa noção trabalhando com discursos sobre a pandemia. Claro que eu poderia esperar para trabalhar com um tema tão atual e que ainda não terminou, mas trabalhar com pequenos momentos discursivos permitirá ver as coisas de maneira diferente daqui a alguns anos. A atualidade é algo bastante difícil de apreender.

Camila Ribeiro:

Lembro de um e-mail que você escreveu reagindo a uma chamada de artigos sobre a Covid-19, bem no início da pandemia. Você escrevia que o tempo da pesquisa não é o mesmo tempo da atualidade.

Sophie Moirand:

É isso. Podemos, claro, querer escrever, mas é uma escolha trabalhar com a atualidade, penso que há alguns empecilhos. Há um artigo de uma filósofa de quem gosto muito, foi publicado na revista *Esprits*³⁹. Ela se chama Myriam Revault D'Allonnes, e o artigo é *Qu'est-ce qu'une philosophie de l'actualité?* Ele é muito interessante para pensarmos a atualidade. É interessante, pois não reflete somente sobre a modernidade, é, realmente, a noção de atualidade que está no centro da reflexão.

Eu estou fazendo um prefácio para um trabalho no Brasil, com a Universidade de São Carlos. Eles fizeram uma espécie de enciclopédia discursiva da Covid-19, com entradas que tentam dar conta desse pequeno momento da atualidade. É uma enciclopédia colaborativa, isso quer dizer que podemos retificá-la com o passar do tempo. É interessante. Nesse prefácio, eu tento mostrar que a grande diferença entre uma enciclopédia (que data do século XVIII) e algo como a Wikipédia é o funcionamento da atualidade. Tem, aliás, uma tese que foi defendida e obteve o *Prix de thèse*⁴⁰ na Paris 3, há dois anos. Ela acabou de ser publicadada pela Presses Sorbonne Nouvelle, o título é: *Wikipédia et l'actualité: qualité de l'information et normes collaboratives d'un média en ligne*⁴¹. Eu a reli para fazer esse prefácio.

³⁹ D'ALLONNES, M. R. Qu'est-ce qu'une philosophie de l'actualité? *Esprits*, n. 8, p. 213-214, 2009. Disponível em: <https://esprit.presse.fr/article/myriam-revault-d-allonnes/qu-est-ce-qu-une-philosophie-de-l-actualite-15328> Acesso em: 06 jul. 2022.

⁴⁰ Recompensa honorífica que distingue a excelência de uma tese defendida recentemente.

⁴¹ Tese defendida na área de Ciência da Informação e da Comunicação por Marie-Noëlle Doutreix.

Camila Ribeiro:

Isso me leva à questão seguinte: o que pode a Análise do Discurso em nossas sociedades cada vez mais digitais, em uma era chamada de pós-verdade?

Sophie Moirand:

De fato, eu acho que uma das contribuições é essa, de se criarem materiais colaborativos, como na experiência brasileira. É evidente que à medida que o tempo passar, poderemos rever o que foi dito, pois foi contradito, foi dito outra coisa, foi dito de outra maneira, etc. Acho que é uma possibilidade que não tínhamos antes e é interessante. O que é importante é saber que se fazemos um trabalho sobre a atualidade, devemos mostrar que se trata, efetivamente, de um dado momento: há isso aqui e agora, mas daqui a algum tempo isso pode ser questionado. Esses dicionários são também uma maneira de lutar contra as fake news.

Em 2017, eu dizia no colóquio da ADAL em Estrasburgo que o termo *post-truth* (pós-verdade) havia sido escolhido pelo dicionário de Oxford como a palavra do ano em 2016. Eu descobri isso em um editorial do jornal *Le Monde* do dia 3 de janeiro de 2017. Quer dizer, não é tão atual, em 2016, já se falava disso. O que eu digo é que “se ‘os fatos’ na base do trabalho da mídia têm o objetivo de ‘estabelecer a verdade’, parece que na ‘informação pós-verdade’, a verdade não tem mais valor de base. Os fatos não são mais fundamentais”⁴². É uma bela definição, eu acho. Quer dizer que as pessoas públicas podem agora anunciar falsas informações sem o menor respeito pela verdade e ainda tirar benefícios.

Camila Ribeiro:

Como você vê a AD com relação a seu início?

Sophie Moirand:

O que eu vejo entre os jovens pesquisadores agora é que eles desejam mostrar situações particulares de pessoas que não são reconhecidas pela sociedade. Pequenos grupos. Eles estão próximos da noção de desobediência civil⁴³, de luta pelo reconhecimento, pela visibilidade. Eles se interessam menos pelo discurso institucional e interrogam mais os grupos às margens da sociedade. O discurso desses grupos e, não, os discursos sobre esses grupos.

⁴² DONOT, M.; SAMOUTH, E.; SERRANO, Y. (Éds.), *Les médias en Amérique latine*. Dire et construire l'actualité latino-américaine. Paris: L'Harmattan, 2020, p. 40-41.

⁴³ Forma de protesto político feito pacificamente e que se opõe a uma ordem de caráter injusto ou contra um governo, vistos como opressores pelos desobedientes.

Lembrei de algo interessante. Houve, em dezembro de 2000, um colóquio⁴⁴ em Rouen que deu origem a uma obra em dois volumes publicada pela editora *Publications de l'Université de Rouen*. O primeiro volume se chama *Des faits de langue aux discours* (dos fatos da língua ao discurso), e o segundo, *Des discours aux acteurs sociaux* (dos discursos aos atores sociais), os dois foram organizados por Régine Delamotte-Legrand. É interessante, pois vejo que, recentemente, se dá, de fato, mais importância aos discursos dos atores sociais, à ocupação dos espaços midiáticos pelo público. Vemos trabalhos sobre as vítimas de segregação, de deslizamentos de terra, etc. Trabalha-se com essa noção de invisibilidade. Estamos mais nas questões sociais, mas de um ponto de vista diferente daquele das instituições, dos partidos políticos, etc.

Camila Ribeiro:

Como você vê as trocas em AD entre a França e a América do Sul?

Sophie Moirand:

Eu cheguei à Análise do Discurso dita francesa através dos estudos anglo-saxões sobre a interação, assim, eu conheci diversas perspectivas antes dessa.

Acredito que o problema seja, em qualquer lugar, a questão do sentido. Muitas perspectivas interessam-se pelo discurso hoje em dia, mas isso não quer dizer que elas sejam fundamentadas por dados linguísticos. O que se desenvolveu muito no Brasil e na América Latina foram análises baseadas na importância dos sentidos. Porém, para se compreender os sentidos, é preciso apoiar-se nas formas linguísticas⁴⁵.

Ao mesmo tempo que essa perspectiva é histórica, é importante lembrar que existem, agora, desenvolvimentos diversos, escolas diferentes. Poderíamos nos perguntar, quando nos referimos à AD francesa, se nos referimos a um só tipo de análise. Eu faço referência a ela, encontro coisas interessantes, releio sempre livros dessa época, mas, ao mesmo tempo, não estamos mais nela. Como eu trabalho com a atualidade, penso que não estamos mais nos mesmos paradigmas em Ciências Humanas. Então, é muito interessante, mas acredito que há outras ferramentas, outras maneiras de pensar também, é normal que evolua. Tem coisas muito interessantes na AD francesa, mas acho que o que fica por desejar é a questão da semântica - a semântica das palavras, a semântica

⁴⁴ O tema desse colóquio foi: *La médiation: marquages en langue et en discours* (A mediação: marcadores em língua e em discurso).

⁴⁵ A autora cita, aqui, um de seus artigos sobre essa questão: MOIRAND, S. Retour sur l'analyse du discours française. *Pratiques*, p. 185-186, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/pratiques.8721>.

discursiva. Isso tem a ver com o que eu disse anteriormente, os objetos evoluíram. As pessoas, agora, vão estudar as maneiras de falar das pessoas que não estão nos partidos políticos. O que podemos reprovar na AD francesa que foi difundida no Brasil é o fato de não se falar tanto dos espaços midiáticos ou políticos ocupados pelo público. Há, por exemplo, as vítimas de deslizamentos de terra no Brasil, os desaparecidos da ditadura na Argentina, os estudantes recentemente desaparecidos no México, o discurso sobre a pobreza, a noção de pobreza segundo os países, os conflitos, os grandes grupos industriais, as empresas de desmatamento, etc. Todos esses temas são também um objeto da AD. São problemas da atualidade, mas, ao mesmo tempo, não concernem aos aparelhos⁴⁶, aos partidos políticos. Não é institucional. A AD francesa já trabalhou muito com isso. Interessar-se pela visibilidade dos grupos, pelos discursos da democracia liberal, parece-me ser mais pertinente atualmente.

Referências

CATALAN, R.; MOIRAND, S.; LEHMANN, D.; MARIET, F. *Lire en français les sciences économiques et sociales: matériel d'accès à la compréhension de l'écrit pour spécialistes non francophones*. Paris: Didier, 1979, p. 230.

D'ALLONNES, M. R. Qu'est-ce qu'une philosophie de l'actualité? *Esprits*, n. 8, p. 213-214, 2009. Disponível em: <https://esprit.presse.fr/article/myriam-revault-d-allonnes/qu-est-ce-qu-une-philosophie-de-l-actualite-15328> Acesso em: 06 jul. 2022.

DONOT, M.; SAMOUTH, E.; SERRANO, Y. (Éds.), *Les médias en Amérique latine*. Dire et construire l'actualité latino-américaine. Paris: L'Harmattan, 2020, p. 40-41.

HERNÁNDEZ BAYTER, H.; MOREIRA CESAR, C.; NACUCCHIO, A. (Éds.). *Discours politiques et médiatiques en Amérique latine*. Retour(s) sur les deux premières décennies du XXI^e siècle. Paris: L'Harmattan, 2021.

KAPLAN, R. Cultural Thought Patterns in Inter-cultural Education. *Language Learning*, v. 16, p. 1-20, 1966. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-1770.1966.tb00804.x>.

MOIRAND, S. Des choix méthodologiques pour une linguistique de discours comparative. *Langages*, 26^e année, n. 105, p. 28-41, 1992.

MOIRAND, S. Le dialogisme: de la réception du concept à son appropriation en analyse du discours. *Cahiers de praxématique*, n. 57 (De l'histoire du concept à ses applications), p. 69-100, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/praxematique.1757>.

MOIRAND, S. O dialogismo: da recepção do conceito a sua apropriação na análise do discurso. In: CHAVES, A. S.; PINTO, M. L.; SILUS, A. (Dirs.). *Conversas bakhtinianas: diálogos sobre discurso*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2021, p. 87-124.

MOIRAND, S. Retour sur l'analyse du discours française. *Pratiques*, p. 185-186, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/pratiques.8721>.

MOIRAND, S. Une sémantique du discours « au travail » de l'actualité: éléments pour l'analyse du discours des médias. *Revista Heterotópica*, v. 1, n. 1, p. 108-138, 2019. DOI: <http://doi.org/10.14393/HTP-v1n1-2019-48518>.

⁴⁶ Referência ao livro ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

SINCLAIR, J.; COULTHARD, M. *Towards an Analysis of Discourse: The English Used by Teachers and Pupils*. London: Oxford University Press, 1975.

Agradecimentos

A entrevistadora, Camila Ribeiro, agradece a Camila Marques de Andrade – revisora de livros com especialização em livros didáticos – pela revisão da tradução da entrevista. Contato: camilamarques.ingles@gmail.com.